

4 a 6 de setembro de 2022 Goiânia I Goiás I Brasil



Hugo de Carvalho Sobrinho

SEEDF - Brasília/DF

E-mail: hugo.carvalhosobrinho@gmail.com

Valdiney Vieira da Silva SEDUC - Cuiabá/MT

E-mail: valdiney207@gmail.com

Resumo:

Este artigo tem o objetivo de discorrer sobre o Estudo do Meio e o Trabalho de Campo no Ensino de Geografia como caminhos para realização de um prática pedagógica contextualizada e que considere as experiências vividas dos estudantes. A metodologia utilizada baseia-se em uma abordagem qualitativa, mediante análise bibliográfica em que evidenciamos pesquisas de importantes autores da Geografia e do seu ensino. Após as abordagens, consideramos que o Estudo do Meio e o Trabalho de Campo são metodologias viáveis para a construção dos temas e conteúdos em Geografia, desde que considerados os objetivos desse componente curricular.

Palavras-chave: Estudo do Meio; Trabalho de Campo; Ensino de Geografia; Cidadania.

Introdução

O Estudo do Meio e o Trabalho de Campo permitem o contato com o objeto de conhecimento e com o lugar onde os fatos/fenômenos se manifestam, cuja potencialidade central é tornar o processo de ensino-aprendizagem significativo, ativo e contextualizado, facilitando a construção de conhecimentos geográficos. Por isso, a depender das mediações realizadas, podem ser consideradas metodologias ativas, com possibilidades de superação de pedagogias puramente tradicionais, que inviabilizam, ou emperram, a atividade mental e o aprendizado.

As reflexões desenvolvidas neste texto ancoram-se em pesquisas de importantes professores-pesquisadores, tais como: Lana Cavalcanti (2008; 2012); Ricardo Farias e Alcinéia Silva (2019; 2021); Cristina Leite (2019); Nídia Pontuschka, Yomoko Paganelli e Núria Cacete (2009); Dirce Suertegaray (2002), Davi Bachelli (2014); Ana Cláudia Sacramento (2014) entre





















4 a 6 de setembro de 2022 Goiânia I Goiás I Brasil

outros. Também decorrem das nossas leituras teórico-práticas e vivências enquanto professores-pesquisadores. A partir dessas leituras e experiências, compreendemos que a Geografia e o seu ensino, sobretudo aquele ancorado em metodologias potentes, contribuem fortemente na construção de uma sociedade democrática, inclusiva, humana, diversa e menos desigual.

Evidenciamos que esta reflexão estrutura-se em três momentos: o primeiro, trata do Ensino de Geografia e a perspectiva de formação para a cidadania crítica e ativa; o segundo, é destinado à discussão sobre o Estudo do Meio e o Trabalho de Campo no âmbito escolar, abordando suas definições e potencialidades; o terceiro, visa à problematização dos desafios, às perspectivas e às proposições para a realização das atividades que os constituem, de modo a destacá-los como campo de possibilidades de construção de conhecimentos geográficos.

O Ensino de Geografia na formação para a cidadania crítica e ativa: alguns apontamentos

O Ensino de Geografia tem a função de propiciar aos estudantes a leitura e a interpretação espacial da realidade, abrangendo a compreensão das suas próprias espacialidades, produzidas no movimento de suas vidas. Ao levar em consideração a produção na área, pensamos não haver dúvidas e discordâncias de que a Geografia ensinada ao longo da Educação Básica tem a função de contribuir com a formação para a cidadania, que se efetiva por meio da construção e reconstrução de conhecimentos, habilidades e valores que ampliam a capacidade de crianças, adolescentes, jovens e dos adultos de compreender o mundo em que vivem e atuam, a partir de uma escola organizada como um espaço aberto e vivo de culturas (CAVALCANTI, 2012; CARVALHO SOBRINHO, 2021).

Mesmo com a defesa de vários estudiosos da área, o Ensino de Geografia ainda é tratado como se fosse uma simples subárea na ciência geográfica, ou como um campo disciplinar sem importância, o que reduz suas possibilidades de contribuir mais efetivamente na formação cidadã. Consideramos que esse componente curricular é um ponto chave no processo de ressignificação da própria Geografia, pois "perguntar se a Geografia tem sentido não é algo com que a Geografia Universitária se ocupe com frequência, mas é praticamente o cotidiano de





















4 a 6 de setembro de 2022 Goiânia I Goiás I Brasil

vida da Geografia Escolar" (MOREIRA, 2014, p. 153-154). Por isso, defendemos que o Ensino de Geografia não pode se transformar em uma simplificação da ciência geográfica e, ainda que possua relação direta com ela, não está subordinada ao que lhe é prescrito na academia, embora seja nutrida do seu arcabouço teórico-metodológico. Ela apropria-se desses aportes, porém nutre-se de outros conhecimentos em função da aprendizagem e do desenvolvimento dos escolares, que são suas finalidades.

Faz-se necessário destacar que esse processo deve ocorrer num contexto de atividade e de interação dialógica com os estudantes, que são partícipes do processo de construção coletiva do conhecimento, e são, consequentemente, sujeitos numa situação em que o papel do professor é de mediação, tendo em vista o alcance das funções da Geografia Escolar. Desta forma, embora possua as suas especificidades por responderem a perspectivas próprias, há uma relação de correspondência entre elas (Geografia Acadêmica e Geografia Escolar), pois, ainda que guardem suas identidades e especificidades, também se cruzam e interpenetram (CAVALCANTI, 2008). Afinal, a Geografia é uma só! O que muda são suas finalidades e as abordagens, a depender do contexto em que ela se insere.

À luz desses pressupostos e reflexões, entendemos que os conhecimentos geográficos são ferramentas intelectuais na formação e no exercício da cidadania, já que se constituem mediações para ler, compreender e modificar o mundo, pois, como considera Moreira (2014), mundo é espaço, e espaço é uma dimensão constitutiva da realidade. O exercício da cidadania parte do processo de conhecimento do espaço geográfico, que só ocorre por meio de conhecimentos específicos capazes de decifrá-lo para além da sua dimensão aparente. Pela natureza da Geografia e pela especificidade de seu objeto, produto da relação sociedadenatureza, ela possui potencial na formação cidadã ao debruçar-se sobre o espaço, estudando a sua produção, uso e desenvolvimento, levando o aluno a perceber a sua condição nesse espaço, o modo de uso e o direito ao mesmo, de modo a provocar-lhe raciocínios capazes de desenvolver consciência espacial e tomada de atitudes, participação/atuação, com vistas à produção de uma sociedade mais democrática, justa, igualitária e cidadã. Isto significa dizer que defendemos a relevância das discussões que envolvam a cidadania e a dimensão espacial. Para tanto, é necessária a formação da cidadania numa perspectiva crítica e ativa, já que é ela





















4 a 6 de setembro de 2022 Goiânia I Goiás I Brasil

que coloca o indivíduo em movimento, ação, participação e transformação social (CARVALHO SOBRINHO, 2021).

Assim, a Geografia na perspectiva da cidadania só será alcançada ou sensibilizada quando realizada por e a partir de uma pedagogia da autonomia que supere as práticas tradicionais (memorização, fragmentação e passividade pedagógica). Essa concepção, também, se relaciona à formação de cidadãos ativos no sentido mais abrangente do que simplesmente ser um sujeito possuidor de direitos. Na verdade, sujeitos que criam direitos e novos espaços para efetivação desses direitos, estimulando-se, assim, o movimento sempre contínuo de construção e fortalecimento de sujeitos políticos, cientes de direitos e deveres na sociedade (BENEVIDES, 1994). Por esse motivo, defendemos que a cidadania está relacionada à participação na vida coletiva, em que se incluem as reivindicações de inclusão social, de respeito à diversidade e de direitos amplos para melhoria nas condições de vida e sobrevivência e, também, de proposição diante dos problemas da comunidade e sociedade (CAVALCANTI; SOUZA, 2014). Assim, é a noção de cidadania que exercita o direito de ter direitos, aquela que cria direitos, no cotidiano, na prática da vida coletiva e pública (CAVALCANTI, 2012).

O Trabalho de Campo e o Estudo do Meio: potencialidades no processo de ensinoaprendizagem em Geografia

O Estudo do Meio pode ser compreendido como o resultado do trabalho de inúmeros professores-pesquisadores que se dedicaram a construir práticas de ensino que estejam, de fato, atreladas à compreensão do mundo e à superação dos desafios que se manifestavam em tempos e espaços diferentes, sendo uma metodologia de ensino interdisciplinar que busca desvendar a complexidade de determinado espaço que é dinâmico, cuja totalidade dificilmente poderá ser alcançada pelas lentes de um componente curricular e de uma ciência de maneira isolada (PONTUSCHKA; PAGANELLI; CACETE, 2009). Dito de outra forma: Estudo do Meio se constitui de uma análise ou estudo sistemático dos lugares, como uma prática pedagógica coordenada pelo professor junto a um coletivo de estudantes. A consideração relacionada à interdisciplinaridade também é feita por Santomé (1998), ao asseverar que a integração disciplinar, ou o trabalho articulado, propicia a leitura e a interpretação do fato/fenômeno





















4 a 6 de setembro de 2022 Goiánia I Goiás I Brasi

estudado pelas lentes de variados campos do conhecimento, viabilizando o aprendizado de forma integrada. Todavia, é válido destacar que o Estudo do Meio, por si, não configura um ensino interdisciplinar. Ele só se efetiva enquanto tal a partir de mediações e trabalhos que articulem diferentes campos disciplinares, com vistas ao entendimento da realidade em suas complexidades.

Observa-se que descontinuidade entre o texto e o contexto ainda é muito comum no ensino de Geografia na educação básica, assim, uma geografia do meio impõe, não somente um conhecimento, mas um certo respeito ao meio ambiente. Permite que a criança ou o adolescente penetre no domínio das leis da vida, ou seja, os estudantes se preparam para compreender as interdependências que ligam a vida ao seu meio (DEBESSE-ARVISET, 1974).

Ainda, conforme as concepções de Pontuschka (2004), assim como de Lopes (2011), o Estudo do Meio, como método de ensino-aprendizagem, pode ser desenvolvido por intermédio de um processo que envolve, também, as saídas da sala de aula, sendo constituído de várias fases de desenvolvimento, dentre elas o Trabalho de Campo, que possibilita explorar questões sociais, culturais, econômicas, enfim, questões geográficas em diferentes escalas (PONTUSCHKA, 2004; LOPES; PONTUSCHKA, 2009; 2010). Em suas visões, uma das suas potencialidades é a possibilidade de explorar o espaço vivido, próximo do estudante, assim como o espaço não vivido, desconhecido/distante do seu lugar de vivência. É possível destacar o seu poder no processo de motivação para as aulas, por tratar-se de uma metodologia dinâmica que desperta o interesse e a curiosidade dos participantes, favorecendo o processo interacionista e dialógico entre eles.

Admitimos que o Estudo do Meio permite investigações em diferentes espaços. Possibilita ainda a problematização dos eventos, a tomada de consciência dos estudantes e, com isso, a possibilidade de tomada de decisões locais, para o despertar da existência de cidadãos ativos, participativos e conscientes na sociedade atual. No entanto, é preciso ressaltar que essa atividade não alcançará seus reais objetivos se for usada de forma indiscriminada para denominar qualquer ação desenvolvida fora da sala de aula, pois "[...] embora possuam seu valor pedagógico e lúdico, não corresponde exatamente ao Estudo do Meio" (LOPES; PONTUSCHKA, 2010, p. 38). Isto posto, salientamos que o rigor metodológico para a sua





















4 a 6 de setembro de 2022 Goiânia I Goiás I Brasil

realização é fundamental, pois ele deve responder às necessidades sociais e institucionais e promover uma contínua reflexão crítica sobre as razões de sua prática (PONTUSCHKA, 2004). No contexto educacional, é necessário que sua prática não se distancie da finalidade da Geografia, cuja apropriação dos seus aportes teórico-metodológicos é imprescindível, sobretudo de seus conceitos fundantes, categorias e princípios.

Assim, Pontuschka, Paganelli e Cacete (2009) afirmam que o Estudo do Meio ocorre por meio de diferentes momentos e ações, a saber: I) O encontro dos sujeitos sociais; II) Visita preliminar e a opção pelo percurso; III) O planejamento; IV) Elaboração do caderno de campo, enquanto fonte de pesquisa; e a V) A pesquisa de campo, como reveladora da vida. Assim, o Estudo do Meio começa na escola, com as atividades de planejamento e preparação para o campo, que necessita ser organizado e ter como finalidade a construção de conhecimentos geográficos a partir de momentos significativos de apreensão do real.

Pelas análises, é possível perceber que, para os autores, uma das etapas importantes do Estudo do Meio é o Trabalho de Campo, pois este permite que olhares sejam lançados para a realidade que está sendo vivenciada. Conforme Farias e Cunha (2020, p. 112): "o trabalho de campo pode ser caracterizado como prática que colabora para que o aluno construa o conhecimento e possa realizar a leitura de mundo". Nele, o estudante, se bem orientado, utilizará todos os seus sentidos para conhecer melhor certo meio, usar todos os recursos de observação, registro, análise e interpretação, o que favorece a aprendizagem e o seu desenvolvimento.

As atividades que envolvem a saída da escola, tendo em vista o estudo dos fatos/fenômenos nos lugares onde eles ocorrem/se manifestam são chamadas por diversos autores de Trabalho de Campo. Essa prática faz parte do desenvolvimento da Geografia como ciência, além de ser parte fundamental do método de trabalho dos geógrafos, antes mesmo dela constituir-se campo científico. O Trabalho de Campo é uma herança da Geografia e se faz presente em muitas atividades, por mostrar-se eficiente nos estudos e pesquisas geográficas.. Não podemos desconsiderar, ainda hoje, o papel importante exercido por esse tipo de atividade na Geografia, seja no contexto universitário, seja no âmbito escolar.



















4 a 6 de setembro de 2022 Goiânia I Goiás I Brasil

Tal metodologia compõe o rol de métodos da Geografia por propiciar o conhecimento da realidade de uma forma viva, viabilizando a produção de conhecimentos, sobretudo ao contribuir com a indissociabilidade entre teoria e prática. Essa percepção, especialmente no que diz respeito à sua relevância e potencialidades, entre os/as geógrafos/geógrafas, parece ser consensual. Na visão de Sacramento (2014, p. 111), o Trabalho de Campo é uma metodologia fundamental para a Geografia, pois possibilita a discussão no lugar sobre o que foi estudado em sala de aula: "a importância de se desenvolver um trabalho de campo é possibilitar a interação e a compreensão dos conceitos e conteúdos já apresentados em sala de aula com a descrição, interpretação e análise na própria área de estudo, por meio de um roteiro direcionado que estimule o olhar crítico dos estudantes sobre os fenômenos e objetos". A autora chama a atenção para a necessidade da sistematização/organização e do direcionamento para o desenvolvimento do Trabalho de Campo, afinal, como foi dito, essa prática não pode ser reduzida à atividade meramente lúdica, recreativa (FARIAS; SILVA, 2021). É nesse sentido que se faz necessário entender a potencialidade e refletir sobre a práxis para justificar sua necessidade no contexto educacional, uma vez que todas as atividades de campo devem se relacionar diretamente com os objetivos do processo de ensino e aprendizagem, isso na Educação Superior e o na Educação Básica. São práticas intencionais que se guiam por propósitos estabelecidos. Por isso, é importante que o planejamento do campo seja realizado por meio de questões problematizadoras: Quais objetivos pretendemos alcançar com este Trabalho de Campo? Quais conceitos, temas e conteúdos queremos entender? Que conhecimentos precisamos saber? Quais procedimentos são necessários para isso?

Nesse contexto, baseados nos estudos de Silva, Farias e Leite (2019), podemos destacar três etapas que são necessárias para que o Trabalho de Campo possa atingir objetivos pedagógicos, quais sejam: I) Pré-Campo, II) Atividades *In Loco* (Campo) e III) Pós-Campo. O Pré-Campo é o momento em que o professor irá preparar/planejar previamente as atividades e estabelecer os objetivos a serem alcançados. O Campo (in loco) é a atividade realizada no local onde os fatos/fenômenos se manifestam, cuja potencialidade máxima recai no desenvolvimento intelectual do aluno a partir da observação, reflexão, problematização e da apropriação conceitual dos conteúdos geográficos. É a etapa de pesquisa, de vivências que permite





















4 a 6 de setembro de 2022 Goiânia I Goiás I Brasil

comparar, analisar, criticar e registrar todos os movimentos, transformações e observações do campo e, além disso, conduzir os estudantes a emitirem suas percepções e concepções tendo como objetivo a problematização, a crítica e a proposição, num processo interacionista, ativo e dialógico que estimula as operações cognoscitivas dos estudantes com o intuito de internalizar os conhecimentos. E, por fim, o Pós-Campo que corresponde à fase de síntese das informações, avaliar e divulgar os resultados, assim como verificar o aprendizado, podendo ocorrer por meio de diferentes recursos, tais como: painel fotográfico, discussões, relatórios, exposição, relatos de experiência, dentre outros.

Em resumo, essas três etapas metodológicas podem ser favoráveis à construção de conhecimentos por mobilizar a atividade física e mental dos estudantes, a significação do conteúdo, o dialogismo, a troca, a experimentação, a descoberta, sempre com foco nos objetivos educacionais para a Geografia, que é propiciar a leitura e compreensão da realidade estudada em suas espacialidades, cuja contribuição para a formação da cidadania é significativa. Consideramos potentes o professor crítico-reflexivo, as metodologias ativas, a diversificação de recursos didático-pedagógicos e de linguagens, as pedagogias críticas, a perspectiva de formação cidadã, por exemplo.

Assim como Suertegaray (2002), defendemos que é necessário ir ao campo (mundo), explorar a realidade dos espaços que extrapolam os escolares, permitir que o aluno entenda as suas complexidades e vivenciam a materialização dos fatos/fenômenos geográficos em suas dimensões implícitas, invisíveis (BACHELLI, 2014), desvendar a realidade que muitas vezes se encontra camuflada pelo mundo que nos é apresentado - o mundo de fábulas - (SANTOS, 2009). Observar, analisar, interpretar, compreender e transformar o mundo/espaço são habilidades as quais por meio do contato direto com o evento estudado, podemos explorar as potencialidades do Trabalho de Campo para a formação da cidadania crítica e ativa, e dotar os conteúdos geográficos de sentido a partir desse recurso metodológico.

Cumpre dizer que essa relação direta com os fatos/fenômenos estudados nos possibilita, a partir dos conhecimentos construídos, desvendar as injustiças sociais e espaciais que estão materializadas no espaço geográfico.



















4 a 6 de setembro de 2022 Goiânia I Goiás I Brasil

Desafios para realização do Estudo do Meio e Trabalho de Campo: perspectivas e proposições

Na realização do Trabalho de Campo e o do Estudo do Meio são vivenciados conflitos, disputas e desafios. Enfatizamos, por meio da nossa experiência como professores, três aspectos que fazem com que tais atividades sejam inviabilizadas e/ou dificultadas, são eles: I) falta de recursos; II) incompreensão de alguns gestores quanto ao significado e potencialidades das atividades; III) e a fragilidade da formação dos professores, assim como de falta de autonomia e espaços de autoria para o desenvolvimento das atividades escolares.

Em relação à falta de recursos, podemos destacar problemas relacionados ao transporte (não fornecimento por parte das secretarias de educação e alto custo de locação), que constitui um empecilho na realização dos Trabalhos de Campo e dos Estudos do Meio, e ainda a escassez de recursos financeiros por parte dos estudantes para custeá-lo e custear a saída escolar. No que diz respeito aos gestores, ressaltamos, além da falta de compreensão do sentido pedagógico de realização da prática, a burocracia imposta desde a organização até o fechamento das atividades. Já no que se refere à formação docente, encontra-se o desenvolvimento de práticas que conferem aos trabalhos o título de recreação e lazer, em razão da falta de sistematização, organização e mediações adequadas que viabilizem a aprendizagem geográfica e o próprio desenvolvimento dos estudantes. Além disso, é possível mencionar outras barreiras, como a insegurança para a retirada desses sujeitos do espaço escolar, que envolvem violência, risco de acidentes, dentre outras que reduzem as chances de promoção das atividades.

Por considerar as possibilidades dessas metodologias no ensino de Geografia, incluindo a construção de conhecimentos significativos à vida cotidiana dos escolares e a formação para a cidadania crítica e ativa, apresentamos como proposições a necessidade de sólida formação docente, suficiente ao alcance das finalidades dessa ciência no contexto escolar; de efetiva autonomia docente e trabalho autoral; de investimentos educacionais, também suficientes, ao desenvolvimento de práticas didático-pedagógicas potentes ao pleno desenvolvimento dos indivíduos, de trabalhos que promovam a compreensão da realidade estudada para além do visível, entendendo especialmente o implícito (BACHELLI, 2014), pois ali pode estar o fio condutor da formação de novos conhecimentos, compreensão de conteúdos e conceitos, novas





















4 a 6 de setembro de 2022 Goiânia I Goiás I Brasil

mentalidades e de busca por transformações socioespaciais. Como diz Callai (2015, p. 222), "a Geografia pode ser condição de favorecer ao aluno a tomada de atitude diante da realidade em que vive". Assim, o Estudo do Meio e o Trabalho de Campo podem ser eficientes, desde que existam intencionalidades, planejamento e compromisso.

Considerações Finais

Neste trabalho, defendemos que o Estudo do Meio e o Trabalho de Campo como práxis didático-geográfica tem o objetivo de construir o processo pedagógico em Geografia por e a partir da realidade vivenciada e experimentada pelos sujeitos. De outro modo, isso quer dizer que tratamos como metodologias didático-pedagógicas potentes no processo de ensino-aprendizagem, por suas capacidades de viabilizarem o aprendizado e a formação cidadã por meio do contato direto com o objeto de conhecimento e com o meio/espaço onde os fatos/fenômenos se manifestam.

Ressaltamos ainda que, além de provocar a motivação para a pesquisa, possibilita a descrição, a interpretação, a análise, a descoberta e o olhar geográfico crítico para a realidade estudada, desdobrando-se na capacidade de leitura, compreensão e transformação dos espaços vividos.

O Estudo do Meio e o Trabalho de Campo não são práticas novas no campo da Educação e do ensino de Geografia, ainda assim, pelo modo que se desenvolvem em instituições brasileiras, necessitam ser (re)significadas constantemente em função de seu objetivo central, qual seja, a construção de conhecimentos numa perspectiva contextualizada, ativa, significativa e crítica, tendo em vista a formação para a cidadania.

À luz das questões presentes neste trabalho, consideramos que uma formação inicial e continuada sólida, crítica, transformadora e propositiva dos professores, em geral, dos de Geografia, em particular, é um caminho para superação dos desafios que são impostos nos contextos de escolarização, bem como os investimentos nas universidades públicas, e nas escolas de educação básica, para que sejam fortalecidos os processos de ensino, pesquisa e





















extensão, tendo em vista uma formação que promova cidadania, humanização e democracia, viabilizadas pelos estudos geográficos e seus aportes teóricos e metodológicos.

Referências

BACHELLI, D. A potencialidade do trabalho de campo no ensino de Geografia: a cidade e o urbano. In: CASTELLAR, Sonia Vanzella (Org.). **Geografia Escolar: contextualizando a sala de aula**. Curitiba: CRV, 2014.

BENEVIDES, M. V. M. Cidadania e democracia. Lua Nova: Revista de Cultura e Política, p. 5-16, 1994.

CALLAI, H. C. Temas e conteúdos no ensino de Geografia. In: RABELO, Kamila Santos de Paula; BUENO, Míriam Aparecida (Orgs.). **Currículo, políticas públicas e ensino de Geografia**. Goiânia: Ed. da PUC Goiás, 2015.

CARVALHO SOBRINHO, H. **Educação geográfica e formação cidadã**: o Projeto Nós Propomos! no Distrito Federal/Brasil. 2021. 213 f., il. Tese (Doutorado em Geografia) - Universidade de Brasília, Brasília, 2021.

CAVALCANTI, L. S. A **Geografia Escolar e a cidade:** Ensaios de Geografia para a vida urbana cotidiana. Campinas, SP: Papirus, 2008.

______. O Ensino de Geografia na escola. Campinas, SP: Papirus, 2012.

DEBESSE-ARVISET, M. I. **A escola e a agressão ao meio ambiente**: uma revolução pedagógica. São Paulo. Difel, 1974.

FARIAS, R. C.; CUNHA, L. F. Enclave de natureza rodeado por asfalto e concreto: trabalho de campo na cidade de Águas Claras - DF e os componentes físico-naturais. **Giramundo - Revista de Geografia do Colégio Dom Pedro II.** Rio de Janeiro, V. 7, N. 1 4, p. 1 1 1 - 1 2 0, J U L. / D E Z. 2 0 2 0.

FARIAS, R. C.; SILVA, A. S. O trabalho de campo não é só lazer: um recurso metodológico imprescindível no processo de ensino-aprendizagem em Geografia. **Revista Ensino de Geografia** (Recife) v. 4, n. 1, 2021.

LOPES, C. S. PONTUSCHKA, N. N. **Estudo do meio:** fundamentos e estratégias. Fundamentum, Maringá, n. 56, 2010.

LOPES, C. S. PONTUSCHKA, N. N. Estudo do meio: teoria e prática. **Geografia**, Londrina, v. 18, n. 2, p. 173-191, 2009. Disponível em: 177





















4 a 6 de setembro de 2022 Goiánia I Goiás I Brasil

http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/geografia/article/view/2360. Acesso em: 10 abril. 2022.

MOREIRA, R. O discurso do avesso (Para a crítica que se ensina). Rio de Janeiro. Editora Contexto, 2014.

PONTUSCHKA, N. N. O conceito de estudo do meio transforma-se... em tempos diferentes, em escolas diferentes, com professores diferentes. In: O ensino de geografia no século XXI. VESENTINI, J. W. (Org). p. 249-287. Campinas, SP: Papirus, 2004.

PONTUSCHKA, N. N.; PAGANELLI, T. I.; CACETE, N. H. **Para ensinar e aprender Geografia**. 3ª ed. São Paulo: Cortez, 2009.

SACRAMENTO, A. C. R. A mediação didática do estudo da cidade e o trabalho de campo: diferentes formas de ensinar Geografia. In: CASTELLAR, Sonia Vanzella (Org.). **Geografia Escolar: contextualizando a sala de aula**. Curitiba: CRV, 2014.

SANTOMÉ, J. T. **Globalização e Interdisciplinaridade: o currículo integrado**. Porto Alegre: Editora Artes Médicas Sul Ltda., 1998.

SANTOS, M. **Por uma outra globalização**: do pensamento único à consciência universal. São Paulo: BestBolso, 2009.

SILVA, A. S; FARIAS, R. C; LEITE, C. M. C. O trabalho de campo para além de uma atividade prática nas aulas de geografia: uma metodologia de viabilização da construção do conhecimento geográfico. **Rev. Tamoios**, São Gonçalo (RJ), ano 15, n. 1, p. 31-45, jan-jun 2019.















